



AS METÁFORAS DE LULA E O DESLIZAMENTO DOS SENTIDOS NA LÍNGUA POLÍTICA: UM RITUAL QUE FALHA

Andréia da Silva Daltoé¹

A partir do forte estranhamento que causaram as Metáforas de Lula (ML), principalmente pela/na mídia em geral, durante os dois mandatos em que Luiz Inácio Lula da Silva esteve na Presidência do Brasil (2002-2006 e 2006-2010), passamos a investigar os sintomas desta negação às ML, comumente levadas para o espaço do desvio, da ignorância, do erro, da inadequação no uso da língua. Para nós, este efeito de sentido poderia apontar para sintomas de algo mais complexo do que a simples preocupação com o rigor no uso da língua no meio político.

Para isso, entendemos que o estranhamento provocado pelas ML só se justificaria em relação a uma normalidade de língua política, aqui compreendida a partir de um imaginário de língua política ideal, que, presa a um mundo logicamente estabilizado da língua política brasileira, não veria nas ML, e, conseqüentemente, nos sentidos veiculados aí, um modo adequado de dizer esta/nesta língua.

Situando-nos, então, no campo da Análise do Discurso (AD) de linha francesa, a partir de Michel Pêcheux, o presente trabalho investigará o modo como a materialidade das ML pode apontar uma forte mexida nas fileiras dos sentidos da língua política, o que nos levará a: a) apresentar os critérios usados para a coleta do *corpus*, bem como sua organização em recortes; b) justificar por que o tratamento teórico oferecido à metáfora como sentido figurado não dá conta de explicar o funcionamento que observamos nas ML; c) investigar a metáfora do ponto de vista discursivo, fazendo um percurso que vai da AAD69², aos últimos trabalhos de Pêcheux; c) analisar as ML à luz da metáfora do ponto de vista discursivo.

Em relação ao critério de coleta do *corpus*, ao selecionar as ML, verificamos diferentes maneiras de elas se materializarem na língua, o que nos levou a organizá-las em três principais modos de funcionamentos, apresentados a seguir e seguidos de *Sequências Discursivas de Referência* (SDr) (COURTINE, 2009, p. 54) que os representam:

1) Funcionamento de tipo 1: *Metáforas que mantêm a marca de seu processo* de relação metafórica posto em jogo, a partir de elementos linguísticos de comparação: *tal qual, assim como, que nem, como*, etc.:

¹ Doutora em Teorias do Texto e do Discurso (UFRGS-2011). Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina – PPGCL/UNISUL: andreia.daltoe@unisul.br.

² Análise Automática do Discurso (AAD 69).



SDr 1: *Vamos trabalhar para ganhar as eleições. Não é uma eleição fácil. É como time de futebol. Quando o time está ganhando de um a zero, de dois a zero, quando o time está ganhando, recua, não quer mais fazer falta, pênalti, fica só rebatendo a bola. E quem está perdendo vem para cima com tudo, e é com gol de mão, de cabeça, de chute, de canela. Não tem jogo ganho ou fácil.* (Lula, 2010, grifo nosso)³.

2) Funcionamento de tipo 2: *Metáforas que condensam o processo de comparação*, não explicitando os elementos linguísticos de comparação do primeiro grupo:

SDr 2: *A economia é uma roda gigante que não pode parar.* (Lula, 16/02/2009)⁴.

3) Funcionamento de tipo 3: *Metáforas narrativas, ou alusivas*, cujas relações nem se marcam por elementos linguísticos de comparação, nem por sua condensação, mas significam pelo modo como remetem a relações estabelecidas entre diferentes elementos, explicadas independentemente de marcas no plano linguístico:

SDr 3: *O que aconteceu com o famoso mercado onipotente? Quando o mercado teve a dor de barriga, que não foi uma dor de barriga sim, foi uma diarreia daquela, beraba, sabe? Insuportável. Ou seja, quando o mercado teve essa diarreia, quem é que eles chamaram pa salvá-lo, o Estado que eles negaram durante 20 anos (sic).* (Lula, 04/08, 2008)⁵.

Esta organização das ML delimitou nossa coleta em três grandes grupos, o que não impede que eles aconteçam simultaneamente. Por exemplo, no caso do funcionamento de tipo 1, as relações estabelecidas com o *como* também remetem à metáfora de tipo 3. Ressaltamos, também, que nosso interesse não recai sobre uma categorização da ML, pois nosso objetivo é investigar o deslizamento dos sentidos que estas ML promovem a partir de um tratamento discursivo de sua materialidade, independentemente de sua superfície linguística⁸. Por este motivo, também não entraremos, no presente estudo, na distinção estabelecida comumente entre as figuras de linguagem (metáfora, comparação, comparação metafórica, símile, alusão), já que, nestes casos, é a forma que orienta a classificação, e, a nós, interessa não a forma, mas o funcionamento posto em jogo pelas ML, como um novo modo de os sentidos se relacionarem na cena discursiva da política brasileira.

Apresentados os objetivos deste artigo, bem como o modo como se deu a coleta do corpus, sintetizamos a seguir o percurso teórico realizado em torno da metáfora, partindo, para isso, do tratamento que ela recebe no que aqui designaremos como um tratamento de senso comum: metáfora como processo linguístico que se organiza em torno de uma transferência, para, conforme Fontanier (*apud* NEVEU, 2008)⁶, “demonstrar uma idéia sob o signo de uma outra idéia mais marcante ou mais conhecida que, aliás, está ligada à primeira somente por um laço de uma certa conformidade ou analogia” (2008, p. 201).

Esta noção nos remete à Antiguidade clássica, quando Aristóteles (1998) já considerava a metáfora em sua propriedade de “transportar para uma coisa o nome de outra, ou do gênero para a

³ Disponível em: <http://www.frasesfamosas.com.br/de/lula.html>. Acesso em 21/06/2010.

⁴ IstoÉ, Especial Brasileiro do ano 2009, em 16/02/2009, p. 76.

⁵ Declaração do Presidente Lula sobre a crise econômica que atingiu o mundo em 2008. Entrevista transcrita do YouTube, disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=9y-yb9fzx18&feature=related>. Acesso em 01/02/2011.

⁶ In: NEVEU, Franck. Dicionário de Ciências da Linguagem. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

espécie, ou da espécie para o gênero ou da espécie de um para a espécie de outro ou por analogia” (Cap. XXI).

Em ambos os conceitos, reafirma-se a propriedade de *transportar* da metáfora, constitutiva de sua própria origem etimológica, que aglutina o prefixo *met(a)-* como *no meio de, entre, atrás, em seguida, depois*, e o sufixo *-fora* (em grego *phorá*) como designando a ação de *levar, de carregar à frente*.

Esta concepção de metáfora, que aqui designaremos como sendo um tratamento de senso comum⁷, apoia-se no princípio de que há uma base linguística, a literal, sobre a qual se constroem outras possibilidades de sentido, o figurado, a se realizar por uma relação de transferência de uma palavra à outra. Condição esta que implica, portanto, parâmetros de dualidades do tipo: literal/figurado; conotação/denotação; uso próprio/impróprio; normal/desvio; certo/errado; adequado/desvio. Além de esta concepção literal/figurado incidir sobre o modo de funcionamento da metáfora como uma propriedade da língua pelas trocas semânticas que realiza, também incide sobre a restrição de seu uso: a metáfora é algo próprio ao espaço da poesia, algo fora do uso “normal” da língua.

Nesta perspectiva, muitos estudos a respeito geralmente se empenham/reduzem em descobrir os sentidos encobertos pela metáfora, como se estes precisassem, de alguma maneira, ser traduzidos. É como se, diante da metáfora, fosse necessário desvendá-la, para desfazê-la, restabelecendo a normalidade da língua. Enfim, é como se a metáfora abrigasse algo de misterioso a ser descortinado. Todavia, conforme Mariani (2004), “do ponto de vista discursivo, o poético não está fora da linguagem, não é algo restrito a um conjunto de efeitos especiais a ser usado em determinadas ocasiões” (2004, p. 55).

Por este motivo, de Aristóteles até hoje, os preceitos que orientam o estudo da metáfora a tornam restrita para nos ajudar a entender o processo discursivo que objetivamos observar nas ML, cujo funcionamento parece ser de uma complexidade que não poderia se resumir nem ao nível da língua, nem ao nível de um ornamento linguístico de segundo plano, o figurado. Assim, adiantamos que, para nossos objetivos, não consideraremos que a metáfora:

1) represente um sentido segundo, a partir de um sentido primeiro, que seria sua base, pois fundamentamo-nos em Pêcheux (1988), segundo o qual não poderia uma “base lingüística, sob o pretexto de que está na base, imprimir sua forma aos processos discursivos que se desenvolvem sobre essa base” (1988, p. 259);

2) seja considerada como um recurso estilístico próprio apenas à poesia, pois, também conforme Pêcheux, a metáfora não é o *domingo do pensamento* ([1983] 2006, p. 53); é, antes, o

⁷ Estamos designando tratamento de *senso comum* não no sentido pejorativo, mas pelo modo como este tratamento é recorrente em estudos que se ocupam da metáfora.

modo de funcionamento de todo sentido, que só “existe exclusivamente nas relações de metáfora” (1988, p. 363).

A partir destes dois afastamentos, deslocamos a noção de metáfora de um espaço marginal, secundário, ao qual tem sido relegada, para um espaço de discussão que privilegie seus efeitos de sentido numa perspectiva discursiva, levando em conta as condições históricas, ideológicas e sociais que a afetam e a determinam.

Lembramos, porém, que, conforme Pêcheux e Fuchs ([1975] 1997), ao pressupor que a metáfora é *primeira e não-derivada* não se está querendo *inverter* a relação entre sentido próprio (núcleo de sentido, denotação, fundamento da proposição lógica) e sentido figurado (periferia do sentido, maneira de falar, conotação, competência do ‘estilo’), como se todo sentido fosse figurado e periférico. Para os autores,

[...] trata-se, ao contrário, de liquidar o próprio par núcleo/periferia, considerando a metáfora como o transporte entre dois significantes, constitutivo de seu sentido, e a orientação des-equalizante desta relação como a condição de aparecimento do que, em cada caso, poderá funcionar como ‘sentido próprio’ ou como ‘sentido figurado’. (1997, p. 244).

Com esta passagem, reafirmamos que a metáfora não é o *domingo*, a folga do pensamento, mas é a condição de existência da língua em todos os seus usos – *em todos os dias da semana*. Isto porque a língua, não representando em reflexo a realidade, dependerá, inevitavelmente, dos deslizamentos de sentido que nela tomam forma e significam.

É deste modo que passamos a ver, no funcionamento das ML, não um recurso de estilo usado pelo Presidente, um ornamento, ou mesmo uma linguagem descomprometida porque empregada no terreno da figuratividade, mas um funcionamento que pode nos dizer muito mais do discurso político e muito mais ainda do processo de constituição dos sentidos.

Feito este deslocamento, partimos para a investigação da metáfora em AD, o que nos leva, inicialmente, às questões parafrásticas trabalhadas na AAD69, a fim de investigar em que medida estas relações de substituição se aproximavam/se afastavam da noção de metáfora, já que ambas, em comum, fazem trabalhar um sentido *com outro/por outro*.

Pêcheux e Fuchs (1997), ao repensarem as questões parafrásticas concebidas na AAD 69, propõem-se a observar o trabalho dos sentidos para fora de semântica geral, aquela que se daria como “espécies de filtros ou freios que viriam a inflectir o livre funcionamento da linguagem” (1997, p. 179). Nesta revisão, apontam para uma semântica que não poderia se submeter mais ao linguístico, mas que deveria ser pensada a partir de uma proposta discursiva.

A fim de investigar como esta proposta rege as relações de substituição em AD, partimos do dizer de Pêcheux, segundo o qual “‘uma palavra por outra’ é a definição de metáfora” (1988, p. 301),

para investigar em que medida as relações de substituição se relacionam às noções de metáfora e de paráfrase.

Pêcheux e Fuchs (1997), nessa releitura dos trabalhos iniciais da AAD 69, tratam da questão parafrástica, propondo-se observar, no funcionamento do discurso, se *as substituições mudam ou não os sentidos*. Admitem os autores que, no início da AAD 69, pensavam que “estas substituições eram necessariamente índices de equivalência, em outros termos, que as *n* seqüências de um domínio constituem *n* formas semânticas equivalentes de uma mesma proposição, no sentido lógico do termo” (1997, p. 211).

Nesta revisão, Pêcheux e Fuchs apresentam duas contribuições importantes: a primeira consiste em observar que a definição dos pontos de comparação como algo natural é, antes, bastante arbitrária; e a segunda se coloca, particularmente, em saber “se a identidade ou a não-identidade entre dois “conteúdos” deve revestir-se da mesma significação, quaisquer que sejam estes conteúdos” (1997, p. 216). Ou seja, Pêcheux e Fuchs reconhecem que a questão é mais complexa, considerando que os fenômenos semânticos de substituição “não se reduzem, de qualquer maneira, a uma ‘identidade da interpretação semântica’” (1997, p. 218).

Com isso, é possível repensar a noção de efeito metafórico trazida por Pêcheux na AAD 69 ([1969] 1997), quando se considerava o deslizamento de um sentido X para um sentido Y como uma movimentação no interior de um mesmo contexto, entendimento ainda bastante prezo a uma ideia de contexto delimitado, e também quando o efeito metafórico era entendido pelo autor como o “fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual para lembrar que este “deslizamento de sentido’ entre X e Y é constitutivo do ‘sentido’ designado por X e Y; esse efeito é característico dos sistemas lingüísticos ‘naturais’” (1997, p. 94). Conforme Pêcheux, a condição para que houvesse efeito metafórico entre dois termos, X e Y, pertencentes a dois enunciados, respectivamente situados em dois discursos representativos de um mesmo contexto, era que tivessem “uma interpretação semântica idêntica” (1997, p. 101), daí terem tratado a sinonímia como “sinonímias contextuais entre dois grupos de termos ou expressões que produzem o mesmo efeito de sentido em relação a um contexto dado” (1997, p. 96).

Analisando nossa materialidade, verificamos que, nesta relação de transferência (*metaphora*), os elementos significantes das ML não se organizam por analogia, ou similitudes, mas passam a se confrontar, não podendo, por este motivo, ser predeterminados por propriedades da língua (1988, p. 263) unicamente, mas pelos efeitos de sentidos que colocam em jogo nas relações metafóricas. Ou seja, estamos entendendo as ML como uma prática discursiva que não se reduz a comparar uma palavra com outra, substituindo elementos lexicais, como *crise* por *diarreia*, *economia* por *roda gigante*, etc., mas uma prática em que um sentido estável, neste caso os do imaginário de língua política, é investido de sentidos diferentes e estranhos, que vêm pela memória, carregando consigo sentidos da vida simples do homem simples.



Foi, então, a partir da observação desta materialidade que estabelecemos a noção de Metáfora Discursiva (DALTOÉ, 2011), para dar conta de explicar, ao observar as ML, tanto o deslocamento em relação ao tratamento dado pelo senso comum à metáfora, quanto ao tratamento dado à metáfora na AAD 69.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. **A poética**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- COURTINE, J. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCAR, 2009.
- DALTOÉ, A. S. **As Metáforas de Lula**: a deriva dos sentidos na língua política. Porto Alegre: UFRGS, 2011. Tese (Doutorado em Teorias do Texto e do Discurso). Curso de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2011.
- MARIANI, Bethânia Sampaio Corrêa. **Silêncio e metáfora**, algo a se pensar. In: II Congresso da Metáfora na linguagem e no pensamento. Instituto de Letras, UFF, 2004.
- NEVEU, Franck. **Dicionário de Ciências da Linguagem**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.
- . **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1988.
- . A propósito da Análise Automática do Discurso: Atualização e perspectivas (1975). Tradução: Péricles Cunha. In: GADET & HAK (Orgs.). **Análise automática do discurso**. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1997.
- . FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso: Atualização e perspectivas (1975). Tradução: Péricles Cunha. In: GADET & HAK (Orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso**. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1997.